

# O MAL NO CONTO “INTRUGE-SE”, DE GUIMARÃES ROSA: UMA EXPERIÊNCIA PARA O APRENDIZADO

## THE EVIL EVIL IN THE STORY "INTRUGE-SE", FROM GUIMARÃES ROSA: AN EXPERIENCE FOR LEARNING

Maíra Pinheiro Tavares<sup>1</sup>

Ivana Ferrante

Rebello<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa o conto “Intruge-se”, que integra a coletânea de *Tutameia* (1967), do escritor mineiro João Guimarães Rosa, tendo como parâmetro a representação do mal. O conto se dobra numa perspectiva especular, possibilitando, ao mesmo tempo, a leitura da estória e a reflexão acerca da natureza humana. Percorreremos o conto com olhar minucioso e proposto a encontrar, nos meandros da escrita rosiana, os múltiplos sentidos que envolvem as ações e escolhas do personagem central e como, através delas, o autor busca representar uma das questões mais prementes da humanidade. Pretendemos evidenciar de que forma o elemento estético atua na formação do indivíduo, propiciando, além de uma experiência objetiva de fruição, um aprendizado espontâneo e inescusável que impinge no leitor inquietude e necessidade de refletir. Este trabalho é uma observação sobre o conto e aquilo que faz dele o que é. Guimarães Rosa traça esta estória sobre mundos de subjetividade, mundos que comportam um contexto que deflagra a estória, a qual pretende remeter o leitor para fora dela, numa espiral que propicia, pela natureza de sua forma, os mais variados questionamentos acerca das ações e sentimentos humanos. As experiências decorrentes dessa observação, bem como aquelas decorrentes de suas variações, resultam numa rica aprendizagem, na medida em que habilitam e habitam o olhar crítico, a dúvida e a reflexão. Nesse sentido, a literatura atua como mecanismo de aprendizado, segundo o que defende Antonio Candido.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Mal. Aprendizado.

**ABSTRACT:** This paper analyzes the short story "Intruge-se" within the book *Tutameia* (1967) from the Brazilian writer João Guimarães Rosa. We shall approach the relation between the main character and a mystery involving a murder he decides to solve. The tale reveals a twofold perspective, that allows, not just bare reading, but a meditation about the human nature. We will tour the tale with thorough look and proposed to find, in the intricacies of writing rosiana, the multiple meanings that involve the actions and choices of the main character and how, through them, the author seeks to represent one of the most pressing questions of humanity. We intend to show how the aesthetic element acts in the formation of the individual, providing in addition to an objective experience of leisure, also a spontaneous learning ability which inexcusably enforces the reader's restlessness and need to reflect. This work is an observation about the story and what makes it what it is. Guimarães Rosa traces this story about subjectivity worlds, worlds that involve a context that triggers the story, which want to refer the reader out of it, which provides a spiral, by nature of its form, the most varied questions about the actions and feelings humans. The experiences with this observation, as well as those arising from variations, resulting in a rich learning, in that it enables and habituate critical eye, doubt and reflection.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários, na Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, Minas Gerais.

<sup>2</sup> Orientadora, doutora em Literaturas de Língua Portuguesa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários, na Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, Minas Gerais.

With that purpose, literature functions as a learning gear, according to what is sustained by Antonio Candido.

Keywords: João Guimarães Rosa. Evil. Learning.

A maldade, o crime e a luta pela sobrevivência, num espaço de exceções, são questões recorrentes nos escritos do autor João Guimarães Rosa. Em suas narrativas, plenas de poeticidade e beleza, vigora uma força brutal, invisível, que angustia a maior parte de seus personagens e leva o leitor a questionar os múltiplos sentidos que porejam de suas ações e escolhas. Nesse sentido, por manifestar essa feição filosófica, permitindo que o texto possibilite a fruição estética e seja ao mesmo tempo uma porta para o aprendizado, o conto resgata exemplarmente aquela força transformadora preconizada pela literatura, conforme Antonio Candido defende em “O Direito à literatura”, texto que proferiu por ocasião da comemoração dos 50 anos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, e posteriormente publicado em *Vários Escritos* (1995).

Nesse conhecido ensaio, Candido ao se referir ao direito de todos aos bens essenciais contemplados pelo texto constitucional, tais como o da moradia, da alimentação, da saúde e da educação, advoga a necessidade de se incluir a literatura como um bem essencial, e, portanto, como um direito do homem. A base da argumentação do teórico é que a necessidade aos bens de cultura é vital ao desenvolvimento do ser, incluindo-se nestes bens a literatura como elemento fundamental, posto que o sonho, o fictício, o imaginário, propiciados pelo texto literário, sejam importantes para o desenvolvimento e integridade mental de todos. Além disso, a literatura ensina e humaniza, pois possibilita o contato com as alteridades e alarga as potencialidades do pensar. As ideias de Candido foram essenciais ao estudo que ora se apresenta, pois a leitura da poética filosófica de Guimarães Rosa referenda exemplarmente o pensamento de que o imaginário está a serviço da fruição, mas também forma, informa e problematiza questões essenciais da natureza humana.

A motivação deste trabalho é, pois, ler as representações do mal no conto “Intruge-se”, integrante de *Tutameia*, publicado em 1967, evidenciando de que forma o elemento estético atua na formação do indivíduo, propiciando uma experiência simultânea de fruição e aprendizado.

No conto, tal como um detetive, o leitor sente-se desafiado a desvendar o enigma da narrativa, buscando uma solução para um assassinato proposto. A partir dessa ação

criminosa, pretende-se evidenciar as representações do mal no conto, analisando o enigma no qual ele se engendra e como isso leva o leitor a refletir sobre o próprio mistério que envolve a escrita do conto.

Na narrativa, Ladislau é um capataz que, com mais onze vaqueiros, tange centenas de bois do patrão, Seo Drães, do Sarinhinhém para a Fazenda-do-Vau. Essa eclética comitiva ainda é composta pelo cozinheiro, pelos burros, pelas mulas e pelo cachorro Eu-Meu. Um desses homens é assassinado e Ladislau, o líder, “vindo de tio”, propõe-se a descobrir o mal, por achar que essa ação é de “sua pertença”, sua obrigação, não querendo deixar tal tarefa para o patrão: “Referir caso ao Patrão – raciocinado? Isso era de sua pertença. Tomava o trato.” (ROSA, 2009, p.588). Investido de tal propósito, o capataz tomará para si a condução das investigações, à proporção que conduz, também, os rumos da narrativa.

Considerando a expressão “vinha de tio” indecifrável, no contexto do conto, Vera Novis (1989), lembra que esta se elucida, quando se pensa no personagem narrador, presente, e não nomeado, como parece ser frequente nas narrativas rosianas. A pesquisadora sublinha, a respeito do papel desempenhado por Ladislau:

Como Diógenes, Ladislau, tentando resolver o caso do assassinato, está em busca da verdade. Tio Dô, delegado, deve decidir sobre um caso de furto, pretexto no enredo para a abordagem de questões ético-filosóficas. Ladislau deve elucidar um assassinato, descobrir entre seus doze homens o assassino, o maligno, o de “outra raça” e, portanto, como Tio Dô, decidir sobre o bem e o mal. (NOVIS, 1989, p.38)

Portanto, a despeito da elucidação dos crimes, o que se lê, no texto rosiano, são incursões acerca do sentido ético da maldade, apresentada como o oposto complementar do bem. Percebe-se, ao longo da narrativa, que Ladislau considera o assassinato acontecido como fruto de maldade, de um fato que provoca nojo, como quando diz “Ladislau quis não ver, tinha quizília àquilo” (ROSA, 2009, p. 587). Tal aversão também se comprova nas seguintes passagens: “Matar não virava traquinagem” (ROSA, 2009, p.589); “Rezou-lhe por alma, mesmo a cavalo, antes de contar o gado.” (ROSA, 2009, p.587) e ainda “Nenhum tinha o aticho, o arrotado de gente maligna” (ROSA, 2009, p.589). Pode-se perceber, pelos excertos do texto, que o assassino é frequentemente equiparado ao diabo, recebendo alcunhas similares às conferidas ao ente maléfico. Entretanto, a vontade de descobrir o algoz não é motivada pelo sentido da compaixão ou pelo desejo apaixonado de vingança, e sim em cumprimento de uma tarefa, que

considerava sua. Além disso, o vaqueiro parecia movido pelo interesse maior de impressionar o patrão. Conforme Novis (1989), muito mais do que um patrão, era este um guia para Ladislau, haja vista a constante invocação de Seo Drães na narrativa e o uso de frases como “Dar conta daquilo!” (ROSA, 2009, p.588) ou “Ladislau tirava um pensar – por modo de obrigação” (ROSA, 2009, p.587). Com tal constatação, entende-se que o que se pôde perceber em uma primeira leitura talvez não seja tão singelo assim. Isso porque a imagem do personagem que busca incessantemente “o maligno” (e tal atributo dar-lhe-ia o *status* de homem bom e justo), na verdade se desconstrói em detrimento de um indivíduo que se mostra confiante na sua capacidade de “delegado-detetive”, tal qual o Tio Dô, e que, precisando dar uma resposta para o chefe, usa um método de investigação que legitima a violência utilizada para resolver o caso, pois o capataz mata aquele que, segundo ele, é o assassino: “Mas Ladislau num revira-vaca, no meio do movimento, em fígado lhe desfechou encostadamente a *parabellum* de doze balas, boa arma!” (ROSA, 2009, p.589 – grifo do autor)

Dessa forma, entende-se que o conto, que se compõe como uma espécie de enigma a ser desvendado, engendra, em torno da investigação encetada, uma análise filosófica acerca da natureza humana e dos limites tênues que separam o bem e o mal.

A ação de Ladislau convoca todos os leitores a também serem detetives na causa e a se questionar se também matariam para não serem mortos ou se, mesmo com falta de provas incisivas, acusariam seriamente outrem. Esse enigma proposto no conto desdobra-se sobre o próprio mistério que envolve a noção de maldade e sua representação, além de despertar suspeitas sobre o possível engodo que foi a descoberta do “maligno” pelo capataz.

Julio Jeha, ao questionar sobre os sentidos e sobre a natureza do mal, propõe essa mesma dúvida ao dizer: “como chegar a um conceito filosófico de mal se os próprios filósofos falam dele como um enigma, como um mistério impenetrável?” (JEHA, 2007, p.10). Paul Ricoeur, citado por Jeha, afirma que o mal não pode ser representado e que “podemos apenas mencioná-lo de modo precário, para mostrar, nas rachaduras, vazios e assimetrias da narrativa, o espaço do indizível” (RICOUER apud JEHA, 2007, p.11). Como se observa, o conto rosiano se desenvolve nas fissuras da dúvida, questionando as verdades absolutas e propondo uma relativização dos valores universalmente estabelecidos.

O narrador do conto estudado manifesta ciência disso, pois na pergunta que ecoa por ricochete ao leitor já se concebe a relativização das coisas e valores, como parece

ser frequente na literatura de Guimarães Rosa: “E – como se saber – o que não se arrazôa nem se intruge?” (ROSA, 2009, p.588), como a concluir que a maldade é difícil de ser racionalizada e de ser apreendida, em sua inteireza. Percebe-se que “esse indizível” também está no silêncio, na solidão do local, “de pasto fechado”, como demonstram os fragmentos a seguir: “Em ponto pararam, tarde segunda, solitários no Provedio, onde havia pasto fechado” (ROSA, 2009, p.587); “O quanto, o silêncio” (ROSA, 2009, p.587). Observe-se que é criada uma atmosfera propícia à reflexão, em que se ressalta o recolhimento do homem e uma natural propensão à investigação interior.

Na progressão da leitura, o leitor vai percebendo que o narrador também está à procura de respostas ao enigma da narrativa. As lacunas do texto, as expressões de dúvida, colocam em questão o problema da representação literária e do poder das palavras. Segundo Júlio Jeha

O problema da representação do mal e da inadequação dos meios de expressão em face da sua imensurabilidade permanecem. O único meio que parece capaz de incluir essa enormidade em si mesmo é a narrativa.(...) Mas a narrativa parece ser movida e libertada pela força do mal: não apenas para incluí-lo, mas tornar-se seu cúmplice. (...) Apenas quando a literatura reconhece sua cumplicidade com o mal é que ela cumpre sua natureza, que é comunicar o essencial (JEHA, 2007, p.12).

As reflexões de Jeha colocam em destaque um frequente problema a respeito da representação ficcional. Segundo o estudioso, é por meio da narrativa que o enigma do qual a maldade se reveste pode ser representado, não para resolvê-lo, mas para colocar em circulação as questões complexas que o envolvem. Ressalte-se que Jeha afirma que a narrativa “parece capaz de incluir”, mas, para isso, ela terá que ser, também, reconhecida como um mal. Levando-se em consideração tal pressuposto, pode-se afirmar que a busca pela maldade, na escrita do conto rosiano, está alicerçada na busca da compreensão da natureza humana, ela própria um imbricado de sentimentos complexos, capazes de levar o mesmo ser, dependendo da situação, a agir por extrema bondade ou maldade. Assim, o personagem Ladislau, que procura o agente do mal, age também com maldade, o que cria, na narrativa, uma interessante relação especular, que desperta no leitor muitas dúvidas acerca da ação justiceira do vaqueiro.

Conforme afirma Julio Jeha: “para a ação ser propriamente malévol, é necessário haver intenção e consciência por parte do agente” (JEHA, 2007, p.13). Estabelece-se, pois, em “Intruge-se” um jogo de representações em que a escrita parece assumir a

feição daquilo que intenta representar, pois, maldosamente ela se infiltra nas certezas de quem lê, ameaçando a aparente fixidez da vida. A esse respeito, Paul Ricoeur diz que “o mal não tem natureza, o mal não é alguma coisa; o mal não é matéria, não é substância, não é mundo. Ele não é em si, ele é nosso. (...) O mal não é ser, mas fazer.” (RICOEUR, s/d, p.268). Assim, como força latente, o mal passa a existir pelo domínio de um ato puramente humano; somente pela ação do homem, como demonstra a narrativa em análise, é que ele é ativado.

Com base em tais reflexões, cumpre indagar o que Ladislau estava fazendo em sua perquirição acerca do assassinato. Estaria procurando o agente do mal, ou tentando solucionar um problema para si? Numa análise mais profunda, poderíamos dizer que Ladislau assemelha-se ao próprio escritor: enquanto o primeiro tenta descobrir um assassino e, em nome de uma suposta resolução ao enigma, acaba se tornando um criminoso também, o escritor tenta desvelar a natureza da maldade e o seu próprio enigma. A escrita, dessa forma, parece circular duplamente, pois utiliza como fio condutor a decifração de um mistério, que é a descoberta de um crime, mas, ao mesmo tempo, propõe outra indagação, maior, que circunda esse crime e os sentidos das ações humanas, permitindo que o leitor se confronte com os múltiplos sentidos da maldade.

Também se pode afirmar que a narrativa não responde se Ladislau realmente descobriu o assassino ou se deturpou os fatos, interpretando algumas ações e falas forçosamente para desvendar o crime, em nome da obrigação a que se propôs.

Logo após o enterro do Quio, o vaqueiro assassinado, Ladislau se pergunta quem teria matado o falecido, afirmando que só poderia fazer tal pergunta a seu cavalo. A passagem leva o leitor a supor, desde o início da investigação, que o personagem admite que não tinha testemunhas para sua investigação. Esse fato gera dúvidas na narrativa, impelindo o leitor a desconfiar dos meios que o capataz usaria para descobrir o mistério: “Daqueles, qual, então, tinha matado o falecido? Só podia perguntar ao Sabiá-preto seu cavalo” (ROSA, 2009, p.587).

Durante a conversa que tem com os vaqueiros, todos considerados potenciais assassinos de Quio, Ladislau vai eliminando um a um os suspeitos, por meio de critérios essencialmente subjetivos. Essa ação permite aduzir sobre uma incriminação passível de falha, como se lê nos fragmentos, sujeita apenas às impressões de Ladislau:

Do Rigriz ao são respeito se podia duvidar, homem de perita sensatez, campeiro tão forçoso? Este de lado ficava.(...) Mas de Tiotinho e do Queleno, tinha o que achar não: eles, do morto parentes, em nojo.

(...)Nesse Seiscênio – botou outra vagem fora, de repente – não se podia pôr suspeita, o simplório, bom, beócio. (ROSA, 2009, p.587).

Há também uma pergunta que a personagem faz a todos os vaqueiros sobre uma possível compra de uma nova fazenda pelo patrão, e a resposta positiva de quase todos também nos impele a desconfiar do “investigador”, pois a narrativa leva à suposição de que Ladislau poderia ter algum interesse em tal compra. Por outro lado, a falta de meios para incriminar qualquer um dos vaqueiros é tanta que Ladislau questiona-se acerca de haver perdido a manhã, já que não via em nenhum dos suspeitos a aparência de maligno, de gente ruim. A atmosfera de enigma se adensa, no entanto, com a constatação do sertanejo de que “tudo com o cansaço parece torto, sem jeito de remate” e que “ia-se pelos altos: ao impossível” (ROSA, 2009, p.588), como a confirmar que ele não poderia dar uma resposta indubitável, mas daria uma resposta ao enigma de qualquer forma.

Mais uma vez se comprova que o que movia o vaqueiro era uma noção de dever, diferente de uma necessidade de fazer justiça. O sentido da justiça, como se sabe, tem amparo em princípios éticos estabelecidos; estes se movem pelo anseio de dar à sociedade ou aos homens uma resposta à violação de determinada regra moral. Já o dever se investe de uma resposta imediata a um compromisso assumido: seu cumprimento não se atém à busca da verdade, mas à solução de um caso.

A presença do cachorro de Ladislau, Eu-Meu, no decorrer da narrativa, poderia ser um auxílio para as respostas sobre o crime. No entanto, o cachorro que “latia para o pessoal e para a estrada”, por ocasião da morte do vaqueiro, não se manifestou: “*Nem o cão latiu, na ocasião*” (ROSA, 2009, p.588, grifo do autor). Quando Eu-Meu está perto de quem Ladislau conclui ser o assassino, o Liocádio, o cachorro também não late, ou não se sabe se late, pois o narrador pode ter se omitido propositalmente nessa passagem, reafirmando, assim, o mistério que envolve todos os aspectos do conto. Para comprovar essa afirmação, veja-se a dúvida que se imiscui na voz narrativa, quando se refere ao fato: “Um vaqueiro passou, Liocádio, agradeu o cão – que latiu ou não latiu, não se ouviu” (ROSA, 2009, p.589).

A esse respeito, invoca-se a reflexão de Georges Bataille, o qual afirma que, após a morte da vítima, o seu sacrifício, “os assistentes participam de um elemento que revela sua morte” (BATAILLE, 2004, p.128). Para ele, esse elemento é o sagrado e “o sagrado

é justamente a continuidade do ser revelado aos que fixam sua atenção” (BATAILLE, 2004, p.128). Ainda, segundo o estudioso, esse sacrifício

é um romance, um conto, ilustrado de maneira sangrenta. Ou antes, é, no estado rudimentar, uma representação teatral, um drama reduzido ao episódio final, na qual a vítima animal ou humana representa sozinha, mas representa até a morte.(...) O jogo da angústia é sempre o mesmo: a maior angústia, a angústia até a morte, é o que os homens desejam para, no fim, encontrar, além da morte e da ruína, a superação da angústia. (BATAILLE, 2004, p.137)

A morte de Quio, por ser retratada como fenômeno a partir do qual se investiga a natureza complexa do ser humano, representa uma ação cuja extensão vai além de um assassinato. Os enigmas forçam o leitor a investir-se de todas as dúvidas que participam da estrutura narrativa e do imbricado de vozes que indagam no texto. Quem seria a vítima nesse caso? O Quio, que levou a facada pelas costas, não se sabe por que motivo, ou o Liocádio, que pode ter sido o assassino primeiro, mas que foi morto por uma conjectura? O próprio narrador admite tal hipótese: “Espichado o ferrabruto amassou moita de mentrasto, caiu como vítima.” (ROSA, 2009, p.589).

Ladislau pode ser esse ser angustiado que Bataille menciona, o qual só encontra a superação da angústia pela morte, após o sacrifício. Percebe-se que, após o que o capataz julga como sendo a descoberta (e morte) do assassino, ele se mostra forte e satisfeito com o dever cumprido: “Ia a boiada, deixalenta. Ladislau, cheio de vida e viagem, como quando em touro ergue a cabeça ante o estremecer dos prados, perfeitamente assaz.”(ROSA, 2009, p.589)

A ideia do homem que sabia de si e de sua capacidade para investigação, por ser “vindo de tio”, conforme mencionamos, é desconstruída, depois de desvendado o mistério do que se acha ser o assassino, ameaçando a aparente fixidez dos conceitos. A aparência do homem, equiparado a um touro e “cheio de vida e viagem”, se desvanece por completo, quando, na última linha do conto, Ladislau conclui “Sabia que nada sabia de si” (ROSA, 2009, p.589). Então, não seria ele realmente capaz de descobrir o enigma? Poderia ele não ser esse capataz bom e justo? As perguntas ecoam além do texto, deixando ao leitor questões não respondidas acerca do desvendamento do crime e sobre a natureza humana e os conceitos de Bem e Mal.

O ambiente do conto e a descrição das situações nos permitem visualizar uma atmosfera que advém do sombrio e do nebuloso, reforçando a ideia do enigma, como se

comprova nos excertos a seguir: “...vindo por uma região de gente escura e muitos brejos, por enquanto.” (ROSA, 2009, p.587); “Prosseguia-se, dia nublado, sexta-feira, às pequenas léguas”; “Eu-Meu emagrecia, cada dia: em casa, depois, pegava a engordar” (ROSA, 2009, p.588); “Ao dia susseqüente, se via chupado de morcegos o Sabiá-preto, forte animal”(ROSA, 2009, p.588). Observe-se que as ações não explicadas, cujos sujeitos não se sabem, estendem-se aos próprios animais e corroboram a ideia de que forças estranhas, não explicáveis pela lógica cartesiana, acontecem a todo tempo no universo, fazendo que a vida se configure, realmente, como um mistério. Tal fato parece trazer a todos a expectativa de um término da narrativa, também nebulosa.

O título do conto, por fim, reafirma as reflexões contidas nesta análise. Nosso propósito inicial era ler as representações da maldade na narrativa de Guimarães Rosa, tentando desvelar nestas, os sentidos que o Mal, e todos os seus desdobramentos, adquirem no correr da “estória”, bem como investigar a origem do enigma que é a maldade, no contexto da narrativa, e a ação do personagem da estória. Nesse aspecto, o título ressoa como preciosa advertência ao leitor-pesquisador. Mesmo dizendo que não se sabe e não se arrazoa, o narrador se “intruge”, ou seja, intromete-se nos esconsos do caso, pesquisa e tenta dar um final a sua procura. O escritor, que se desvela sutilmente nas entrelinhas do texto, deixa claras suas dúvidas, levando-as, no desdobramento especular do texto, para o leitor. E, portanto, ao final do enredo, o que resta ainda é mistério, pois não se pode ter certeza de quem cometeu o assassinato e muito menos do que realmente pode ser o mal e qual suas motivações. Ele pode ocorrer, sob diferentes circunstâncias, movido pelos mais variados motivos, até mesmo pelo dever do ofício, como foi o caso do vaqueiro Ladislau.

Assim, como não se pode ter nenhuma dúvida satisfeita, o enigma persiste e pode persistir sempre, pois não é propósito da literatura trazer respostas, mas, ao contrário, representar a complexidade das experiências humanas. Georges Bataille, a esse respeito, afirma que “a literatura não é inocente” (BATAILLE, 1989, p.10); sob suas imagens revelam-se todas as intrincadas relações que se criam no tecido social e todos os valores sobre os quais o homem se debate, desde sempre. O mistério parece ser o elemento mais visível de nossa frágil humanidade e sobre ele deveriam se deter toda arrogância e pretensão de respostas. Nesse aspecto, a escritura de Guimarães Rosa tem sido exemplar. Ao intrometer-se (“intrugir-se”) nos esconsos da natureza humana, desvendados sob capas aparentemente frágeis de acontecimentos, quase sempre banais,

Rosa deixa implícito que o maior legado da humanidade não é chegar às respostas, mas saber indagar-se.

Finalmente, temos que crer que a solução de enigmas não é o que realmente importa. Julio Jeha, citando Ricoeur, afirma que “quando o mal for compreendido, ele não será mais mal” (RICOEUR apud JEHA, 2007, p.11). A potência transgressora que emerge de toda ação maléfica só atua com seus efeitos destrutivos porque não a compreendemos, e, por isso, não podemos controlá-la. E, com isso, perpetua-se a ideia de um mistério que circunda a natureza humana e a própria escrita de Guimarães Rosa. Trata-se de um aprendizado, pois nos faz olhar o outro, e suas ações, com maior compaixão. Não se pode saber tudo; intruge-se. Mas, de acordo com o que defende Antonio Candido, é direito de todos perguntar, conhecer, ver no espelho da ficção as ranhuras de nossa pobre humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. “O ato de matar e o sacrifício: a suspensão religiosa da interdição de morte, o sacrifício e o mundo da animalidade divina”. In: BATAILLE, George. *O erotismo: ensaios*. Tradução de Cláudia Faires. São Paulo: Arx, 2004. p.126 -138.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- CANDIDO, Antonio. “O Direito à Literatura”. In: *Vários escritos*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1995.
- JEHA, Julio. “Monstros como metáforas do mal”. In: JEHA, Julio (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 9-31.
- NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- RICOEUR, Paul. *La symbolique Du mal*. Philosophie de La volonté.II. Paris: Aubier, 1960 apud JEHA, Julio. “Monstros como metáforas do mal”. In: JEHA, Julio (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p.9-31.
- RICOEUR, Paul. “Hermenêutica dos Símbolos e reflexões filosóficas II”. In: *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: Rés-Editora, Lda. s/d.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras histórias*. Ficção Completa. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009. p.587-589.